

REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro

Jornal do Teatro

Em cartaz

Clarisse Abujamra

Companhia Amok Teatro

Gabriel Villela

João Falcão

João Fonseca

Lúcio Mauro

Lúcio Mauro Filho

Rafaela Amado

Suely Franco

Otelo

Shakespeare
e uma mistura
explosiva: inveja,
preconceito e
rejeição

ANO IX N° 91
EXEMPLAR GRATUITO

50 anos de diversão

“ Para alguns artistas, a carreira é um sonho perseguido te-nazmente. Meu caso é totalmente diferente. Entrei para a televisão quando fui morar perto da TV Tupi, na Urca, e recebi uma proposta para ser garota-propaganda. Minha educação artística limitava-se, então, ao estudo de piano e à participação em peças na escola. Queria ser advogada, cursava o segundo ano de Direito. Jamais imaginava que 50 anos depois eu estaria comemorando meio século de carreira.

A programação de TV, naquele tempo, privilegiava o teatro. Não havia vídeo-tape, tudo era encenado ao vivo. Apresentava-se Shakespeare, Molière, Martins Pena. Acabei fazendo amizade com os atores e passei a integrar o elenco da Tupi. Três anos depois, estreei no palco, na primeira montagem de *O Beijo do Asfalto*, sob direção de Fernando Torres, ao lado de Fernanda Montenegro. Fomos intensamente vaiados pela platéia, escandalizada com a história de Nelson Rodrigues. Uma reação natural, o tema chocava a sociedade da época. Foi a única vez que sofri algo próximo a preconceito. Nunca percebi qualquer tipo de discriminação contra mim por meu trabalho, seja em teatro ou em televisão, que é um veículo injustamente desprezado por alguns críticos. Afinal, é através da TV que o povo tem contato com a arte dramática.

Em teatro, aprendi a fazer de tudo e a gostar da diversidade que os gêneros oferecem ao ator. Minha grande paixão é o musical, não importa se cômicos ou dramáticos. Não posso apontar minha peça favorita, pois me diverti tanto quando fui vedete em um show de Carlos Machado quanto como protagonista em *Somos Irmãs*, ao lado de Nicette Bruno.

O melhor de tudo é poder comemorar intensamente esses últimos 50 anos em que vivo um caso de amor com a arte. Sem qualquer dor ou sacrifício, mas com muito prazer e, principalmente, muita diversão.”

Suely Franco, março de 2008



Rir e fazer rir

Técnicas para descobrir seu próprio ridículo, rir de si mesmo e compartilhar esse prazer com o público são desenvolvidas na oficina para palhaços *Onde eu botei o meu nariz?*, que as Marias da Graça oferecem, em março, no Espaço Sesc, em Copacabana. O curso propõe, por meio de exercícios específicos, tornar cada um consciente das características individuais que promovem o riso. Informações: (21) 2547-0156.

Parabéns!

O ator Nilson Pena é o principal homenageado na festa que vai comemorar os 60 anos de teatro infantil no Brasil, no próximo dia 18, também no Espaço Sesc. Nilson, de 92 anos, fez parte do elenco *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, levada ao palco do Teatro Ginástico em 1948. Durante a solenidade, serão anunciadas as peças que participarão da Mostra Sesc CBTIJ de Teatro para crianças.

Reflexões

Com música, dança e poesia, a Cia dos Comuns apresenta, no Teatro Gláucio Gill, de 13 a 23 de março, *Silêncio*, espetáculo que fala sobre segregação racial e loucura. Sem narrativa linear, a peça procura mostrar o que se passa na mente de uma pessoa, utilizando movimentos coreográficos do Balé Folclórico da Bahia.

Carnaval sempre

Sassaricando – E o Rio inventou a Marchinha continua fazendo sucesso, após um ano em cartaz. Vista por mais de 90 mil pessoas, a peça, que conta a história do Carnaval carioca através de canções carnavalescas, continua a temporada no Teatro Carlos Gomes. Em maio, o espetáculo – que já esteve em cartaz por pequenos períodos em São Paulo, Niterói, Belo Horizonte e Curitiba – vai percorrer as principais cidades brasileiras.

Clarisse Abujamra

Palavras vividas

6 Não há melhor lugar para estar do que no palco. Nele me sinto acolhida, a salvo! Talvez por isso consiga mostrar dois trabalhos num mesmo palco, em um mesmo dia. Um espetáculo é sempre uma aventura, uma incógnita, o **imponderável**. Mas fazer teatro é isso.

Surge o momento em que me cabe chegar à cena carioca com dois trabalhos de uma vez. Não podia deixar passar essa oportunidade.

Trabalhos que são distintos, muito distintos.

Antonio - Da Tua Tão necessária Poesia fala de todos os amores, todas as maneiras de amar, tendo como palavra alguns dos textos mais belos do mundo da poesia. Alguns desses antônios são Antonio Gades, Antônio Fagundes, Antonio Abujamra. Divertido, sensual, comovente, foi feito com material genuíno, com matéria de memória. Nele me coloco com portas e janelas abertas. Palavra por palavra dita, palavra por palavra vivida. Sei que falando de mim estou falando de todos nós. Enquanto o palco vira minha sala de estar, a platéia torna o público os amigos com quem converso intimidades. Meu irmão Ivan me acompanha com música, envolvendo a todos, a mim, ele mesmo e o público num trabalho aconchegante.



Clarisse apresenta dois espetáculos no Solar de Botafogo

Uma outra comoção está em *Nove Partes do Desejo*. Um documentário ao vivo. Emocionante. A visão de nove mulheres iraquianas frente aos dias difíceis que estão enfrentando, suas esperanças, sensualidade, força.

Um texto que me fez repensar o atuar e o viver, que age diretamente no coração e na mente dos que o vêem. Um espetáculo necessário, que rendeu um dos momentos mais belos de minha carreira como atriz.

É excitante e até um pouco kamikaze a perspectiva de me apresentar de maneira tão ousada, cercada de parceiros fortes e competentes para uma pequena, mas bela temporada no Rio de Janeiro.

Espero vocês com enorme carinho. Estarei no meu lugar preferido. A salvo.”

O dragão

Desprezados por historiadores e analistas políticos, o sofrimento e as perdas pessoais que as guerras causam dificilmente são enfocados pelos noticiários. Em busca de uma reflexão sobre a paz, essas experiências chegam ao palco por meio de relatos ficcionais sobre a dor e a violência, recolhidos em cartas, entrevistas e depoimentos reais que são a base de *O Dragão*, peça apresentada pela companhia Amok Teatro no Espaço Sesc.

Banalização

Foram dois anos de pesquisa reunindo o material que compõe o texto da peça. Em pauta, o conflito entre árabes e palestinos, sem tratar diretamente dos motivos que levam à disputa por territórios. “É um espetáculo sobre a paz, com uma ótica particularmente feminina, porque as mulheres não vão para a frente de batalha, mas perdem seus filhos nelas. Usamos o *teatro documental* para pensar o nosso tempo e revelar o interior dos seres humanos nesta experiência comum da dor, onde as diferenças culturais e religiosas não separam mais as pessoas, mas simplesmente as distingue. Queremos encontrar esse lugar onde não existe separação por dor”, diz Ana Teixeira, autora e diretora de *O Dragão*.

Apesar da tensão pelo permanente estado

A Companhia Amok apresenta um libelo contra a guerra. Como protagonistas, o homem e suas perdas

Por Olga de Mello

de guerra, na Palestina morrem menos pessoas vítimas da violência do que no Rio de Janeiro, lembra Ana Teixeira, que pretende, com a peça, estimular também a reflexão sobre a banalização da agressividade nos grandes centros urbanos. “É muito duro percebermos que a violência é menor na guerra do que na metrópole. No entanto, o sofrimento na guerra se apresenta de forma mais traumatizante”, diz ela.

Sem fronteiras

O conflito é real e contemporâneo, mas a peça é imparcial, não tomando partido de nenhum dos lados. No palco, quatro atores e um músico falam sobre a morte dos passageiros de um ônibus que sofre um atentado. O texto mistura poemas dos palestinos Mahmoud Darwish e Imad Saleh a depoimentos, entrevistas, artigos, conferências e música ao vivo, recriando o cenário da guerra. Nem

Carreira premiada

Os temas dolorosos e delicados, como a vida dos ciganos, o universo psiquiátrico e, atualmente, as populações sob guerra têm sido abordados de forma contundente pelo Amok Teatro. Criada em 1998 por Ana Teixeira e pelo ator francês Stephane Brodt, a companhia tem a proposta de pesquisar diferentes possibilidades de encenação, inspirados nas técnicas de Etienne Decroux e no pensamento de Antonin Artaud. A montagem cuidadosa de *Cartas de Rodez* (1998), uma seleção de cartas de Artaud a seu psiquiatra, rendeu ao grupo os prêmios Shell de melhor direção (Ana Teixeira) e ator (Stephane Brodt), além do Prêmio Mambembe de melhor espetáculo. *O Carrasco* (2001), inspirado em romance de Par Lagerkvist, obteve o Prêmio Governo do Estado do Rio de Janeiro de melhor espetáculo. Trabalhos mais recentes, como *Macbeth* (2004), inspirado na obra de Shakespeare, e *Savina* (2006), que trata do mundo dos ciganos a partir da obra de Mateo Maximoff, também obtiveram reconhecimento da crítica especializada, com diversas indicações a prêmios teatrais.

todos os documentos se referem a situações atuais. Um deles é o discurso que a pacifista norte-americana Julia Ward Howe fez em 1870, estimulando as mulheres a se engajarem na luta contra as guerras. “O tema é atemporal e derruba fronteiras, pois não estou tratando de questões políticas e, sim, do quanto a guerra nos priva. O que está em foco é o homem diante da violência de sua época”, diz Ana Teixeira.



Mamãe não pode saber

No Teatro Glória,
uma comédia
de (maus)
costumes
para fazer rir
e pensar



O escritor João Falcão se apressa em informar: *Mamãe não Pode Saber* é a comédia “mais escrachada” que escreveu. Profético, o texto lançado em 1993 apontava tendências que hoje foram totalmente absorvidas por uma sociedade cujos padrões éticos se modificam continuamente. “Não imaginava que, quinze anos depois, se-

ria comum que mães estimulassem as filhas a abandonar os estudos, preferindo vê-las alcançar a fama e o dinheiro pela aparência física. A figura caricatural tornou-se cada vez mais presente nesta época”, observa João Falcão, que dirige a nova montagem da peça, encenada pelo grupo Os Surtados, no Teatro Glória.

A qualquer preço

Com elementos do vaudeville, entre eles as sucessivas entradas e saídas de cena, *Mamãe Não Pode Saber* faz a crítica da cobiça, da corrupção e da cultura da esperteza. Ao criar situações de confronto social e exagero, João Falcão pretendia mostrar que o mundo se tornava cada vez mais absurdo na busca pelo prestígio social a qualquer preço. “Os padrões morais mudam, é natural. A passagem do tempo trouxe benefícios sociais, como o fim de alguns preconceitos. No entanto, houve uma brutalização da sociedade, um crescente desrespeito pelo outro. A comédia não toca diretamente na ferida social, mas mostra um mundo indiferente e egoísta que chega a ser ridículo por sua falta de sensibilidade exagerada”, diz ele.

A comédia de costumes sobre uma família de aproveitadores tem elementos cômicos que vão além da trama. Quatro atores interpretam doze personagens – identificados pelo público apenas pelas inflexões de voz, já que não há possibilidade de troca de figurinos para caracterizá-los. João Falcão fez poucas alterações no texto original, apenas para adaptar termos que já caíram em desuso. “A velocidade das transformações é imensa. Algumas palavras envelheceram, tive que retirar gírias que perderam o sentido”, conta o autor.

Maracutaias

O núcleo da trama se situa na casa de uma família que só pensa em progredir social e financeiramente à custa dos outros. O político desonesto Artur busca recursos para deslanchar sua candidatura a deputado. Sua

mulher, Glória, tenta ganhar a vida com um serviço de auto-ajuda por telefone, embora não tenha o menor jeito para o negócio. Decide, então, transformar a filha de 13 anos em modelo. Enquanto todos vivem de aparências, o filho adolescente Juninho procura sua identidade aderindo a grupos diferentes a cada semana, podendo ser punk num dia e pitboy no outro. As complicações que as mentiras podem causar vêm à tona quando a mãe de Glória, que mora em outra cidade e pensa que o genro é o prefeito do Rio, avisa que vai chegar para uma visita.

Como contraponto ao grupo de mentirosos, estão Flora, a empregada romântica que sonha ser atriz e é a única que compreende todas as armações dos patrões; e Wellington, o motorista recém-contratado, que fica perdido no meio de tanta confusão, principalmente depois que a família se sente aliviada ao saber que a mãe foi seqüestrada ao chegar na cidade.

Marcando presença

A comédia é o elemento natural do pernambucano João Falcão, que se divide entre criações para teatro, televisão e cinema desde a década de 80. Sempre com um toque de humor, ele dirigiu e produziu programas como *Homem Objeto* e *Sexo Frágil*, na TV Globo. Entre seus maiores sucessos no teatro estão *A Dona da História*, com Marieta Severo e Andréa Beltrão; *Uma Noite na Lua*, com Marco Nanini; e *A Máquina* – este último a adaptação de um romance escrito por sua mulher, Adriana Falcão.



Otelo

Escrita em 1604, *Otelo, o Mouro de Veneza*, é a peça de William Shakespeare em que os sentimentos têm mais relevância do que a trama urdida por um dos mais fascinantes vilões da Literatura Ocidental: Iago. A tragédia, desencadeada pela vingança de um militar preterido para um cargo, torna-se menor que a discussão sobre os motivos que impulsionam a ação. A nova montagem de *Otelo*, que estréia no Sesc Ginástico, com Diogo Vilela como Iago, propõe uma profunda reflexão sobre a mediocridade, a paixão, o preconceito, a

inveja e, principalmente, a rejeição. Complementando o elenco, Luciano Quirino (*Otelo*), Marcella Rica (*Desdêmona*) e o veterano Reinaldo Gonzaga.

A fúria da rejeição

Otelo apresenta o primeiro casal multirracial do teatro europeu, mas há outros elementos importantes no enredo. Em Veneza, *Otelo*, um oficial estrangeiro e negro, obtém reconhecimento social por suas qualidades profissionais e conquista o amor da jovem *Desdêmona*. Além do preconceito racial e

Inveja, preconceito e rejeição no palco do Sesc Ginástico, com Diogo Vilela à frente do elenco

Por Olga de Mello

da xenofobia, surge a inveja dos que não têm a mesma capacidade de *Otelo*, entre eles, Iago.

“Atualmente, Iago seria considerado um sociopata sem escrúpulos. No entanto, não podemos nos esquecer de que ele sofre uma rejeição pública. Lá pelo meio da peça, ele consegue a promoção que pretendia, mas continua decidido a destruir todos os que o teriam prejudicado, sem se importar se inocentes, como *Desdêmona*, serão atingidos. É uma situação que acontece frequentemente em qualquer meio profissional, embora

nem sempre quem se sente ofendido queira acabar com a reputação ou com a vida dos outros”, lembra Marcus Alvisi, que divide com Diogo Vilela a direção do espetáculo.

Crime quase perfeito

Para Diogo Vilela, a peça continua provocando platéias devido à dificuldade humana em aceitar a felicidade do próximo. É mais do que necessário, diz ele, montar *Otelo* atualmente, não só pela demonstração do aspecto moral, que nos leva a refletirmos sobre nós mesmos, mas também porque



>> a peça nos faz pensar em como devemos resolver a questão da ética e do bom senso em nossas comunidades. Marcus Alvisi, por sua vez, enfatiza as diversas leituras que o texto pode ter. “Visto apenas pela ótica de criação em dramaturgia, *Otelo* é um primor, pois é construído paulatinamente através das intrigas de Iago. Ele só não comete o crime perfeito porque sua própria mulher se recusa a compactuar com seu delírio. A inveja é o sentimento que aparentemente move Iago, mas acreditamos que ele esteja respondendo à rejeição”.

Dilemas atuais

Otelo é a segunda incursão de Diogo Vilela e Marcus Alvisi no universo shakespeariano. Em 2001, eles estiveram à frente de um bem-sucedido *Hamlet*, que permaneceu um ano em cartaz. “Shakespeare é um autor contemporâneo porque trata dos dilemas hu-

manos, das dores, dos sentimentos. Guerras, disputas pelo poder e conquistas amorosas são pano de fundo para a reflexão sobre a condição humana. Por isso mesmo, tenho certeza de que ainda vamos montar outras peças do bardo”, diz Alvisi.

O texto original foi traduzido por João Gabriel Carneiro e Leonardo Marona, que retiraram rimas e o tratamento em segunda pessoa. “Queríamos cortar o artificialismo da fala, que dificulta a interpretação dos atores. Preservamos os versos, porém não houve uma preocupação com rimas. Da mesma maneira, se todos falassem empregando “tu” ou “vós”, esse tom empolado, que não tem absolutamente nada a ver com Shakespeare, acabaria prejudicando o ritmo do espetáculo”, explica Marcus Alvisi. O cuidado com a fala exigiu preparação vocal do elenco, que também teve aulas de artes marciais para movimentar-se com naturalidade pelo palco.

Personagem desejado

O drama vivido por Otelo foi motivado por inveja, vaidade ou ciúme, que Shakespeare chama, na peça, de “o monstro de olhos verdes”? Uma das mais populares criações de Shakespeare, *Otelo* mostra a ascensão social do comandante do exército veneziano, que se casa com Desdêmona, filha de um político importante. Mas as artimanhas e mentiras de Iago levam a uma sucessão de mortes trágicas, repetidamente encenadas ao longo dos séculos.

Pelos temas universais e sempre atuais, é uma das peças de Shakespeare mais cobiçadas pelos atores. No Brasil, ganhou uma montagem antológica em 1956, com Paulo Autran vivendo Otelo.



Teatro em família

FOTO: DIVULGAÇÃO

De filho para pai, Lúcio Mauro Filho reúne seu pai e dois irmãos em espetáculo sobre relações familiares

Em 2006, o ator Lucio Mauro foi hospitalizado para exames de saúde. “O caso parecia grave. Pela primeira vez na vida, imaginei a possibilidade de perder meu pai e comecei a pensar nas coisas que ainda não havíamos feito juntos. Foi

então que me dei conta de que nós nunca havíamos dividido um palco”, conta Lucio Mauro Filho, que só contracenou com o pai em um episódio do programa de televisão *Sexo Frágil*, em que Lucio Mauro fez uma participação especial. “Assim que ele se

recuperou, comecei a pensar em um espetáculo que mostrasse o encontro entre um pai e seu filho, ambos adultos”, diz ele. Nascia, então, *Lucio 80 30*, que se refere à idade dos dois personagens e reúne no palco do Teatro Leblon – Sala Tonia Carreiro, Lucio Mauro e três de seus cinco filhos.

Passando a limpo

Autor do texto, Lucio Mauro Filho dirige a peça, na qual também atuam seus irmãos Alexandre e Lully Barbalho, que interpretam um médico e a enfermeira do hospital onde se internou um velho ator (Lucio Mauro), que aguarda o resultado dos exames junto com o filho. Durante uma semana, pai e filho convivem sem saber quanto tempo ainda ficarão juntos. Na angústia de tentar animar o doente, o filho resolve inventar um espetáculo teatral e eles começam a ensaiar uma peça, aproveitando para passar a limpo suas vidas, seus acertos e erros, alegrias e vitórias, descobrindo onde suas histórias se encontram e revelando o imenso amor e admiração um pelo outro. O médico e a enfermeira, que a princípio estranham o comportamento do paciente e de seu filho, acabam incentivando a estranha terapia e pedem para entrar no espetáculo.

“A história trata da incomunicabilidade entre pais e filhos, de nossa incapacidade de declarar o amor pela família e da tentativa de mostrar esse amor antes que o tempo se esgote”, diz Lucio Mauro Filho, que está à frente dos ensaios da família há dois meses. O texto original já sofreu algumas alterações, devido aos numerosos “cacos” que o pai criou para seu personagem.

DNA cômico

“Na verdade, ele é muito preciso e um artista disciplinado, que respeita a autoridade do diretor. Quando traz o ‘caco’, imprime mais ritmo ao texto”, afirma o filho, que garante que o espetáculo emociona, mas não deixa de ser divertido: “A vinda cômica está no nosso DNA. Afinal, a formação de papai é o humorismo. A emoção vem na medida certa”.

Embora o pai jamais incentivasse os filhos a seguirem a carreira artística, a menção de seu nome abriu “não portas, mas muitos sorrisos”, conta Lucio Filho. “Ele fez muitas amizades, é um profissional exemplar, muito respeitado e querido no meio. Por isso mesmo, quis prestar-lhe uma homenagem que também é uma celebração do ofício do ator dentro de uma peça de família.”

Bagagem

Um dos mais populares humoristas brasileiros, Lucio Mauro, que acaba de completar 80 anos, iniciou sua carreira há quase seis décadas, quando trocou Belém do Pará por Recife, onde foi trabalhar em rádio, antes de inaugurar a televisão no Nordeste, ao lado de Arlete Salles e Chico Anysio, entre outros artistas. Convidado a integrar a companhia de Procópio Ferreira, veio para o Rio, onde fez uma sólida carreira na televisão, interpretando personagens famosos, como Fernandinho, o marido da ignorante Ofélia, e dirigindo programas humorísticos, entre eles *Balança, Mas Não Cai*. No teatro, por doze anos ele fez parte do elenco da peça *Além da Vida*, de temática espírita.

A falecida

O subúrbio conquistou seu espaço na dramaturgia brasileira em 1953, quando Nelson Rodrigues criou *A Falecida*, comédia dramática protagonizada por Zulmira, dona-de-casa de classe média-baixa que sofre de tuberculose e planeja minuciosamente seu próprio enterro, sem dar atenção ao marido Toninho, um vascaíno fanático. A definição de tragédia carioca para o gênero que então se iniciava é do próprio Nelson, um dos autores favoritos de João Fonseca, diretor da montagem estrelada por Rafaela Amado e Guilherme Piva, que chega agora em março ao Centro Cultural Justiça Federal.

Trilogia

A admiração pelo texto não foi o único motivo que levou o diretor a participar do projeto, encabeçado por Rafaela Amado, produtora do espetáculo. “Fui atraído pelas cadeiras em cena”, brinca João Fonseca, que já havia experimentado utilizar apenas cadeiras como cenário em *Édipo Unplugged*. “Havia algumas semelhanças que me animaram. Em Édipo, tínhamos não apenas as cadeiras, mas um vestuário conservador e um quadro negro no fundo onde o personagem descrevia sua história. Segui, então, as rubricas deixadas por Nelson, de montar o cenário apenas com cadeiras. Minha única

alteração foi instalar um quadro negro imenso atrás, em forma de campo de futebol. Talvez eu faça uma trilogia de tragédias com a mesma cenografia. Já tenho uma tragédia grega, uma tragédia carioca. Quem sabe a próxima seja um Shakespeare?”, especula João.

Interação

No quadro, Rafaela Amado escreve palavras que indicam o vazio da vida de



João Fonseca encena Nelson Rodrigues em sua primeira grande tragédia carioca

Por Olga de Mello

Zulmira, a primeira entre muitas suburbanas descontentes com uma rotina mesquinha, presentes em crônicas e histórias de Nelson Rodrigues. “Uma das maiores qualidades do Nelson era essa percepção da tragédia humana de pessoas muito maltratadas, sem grandes sonhos nem perspectivas de melhora. A ironia é fina, os personagens são meio amalucados, mas muito reais, gente comum que encontramos no dia-a-dia e que são interpretados com muita naturalidade

pelo elenco. O mais interessante é a reação do público, que interage com os atores, comentando as situações, como se fosse um jogo lúdico de teatro infantil”, observa João Fonseca.

Os momentos mais divertidos da peça ficam por conta das veteranas Duse Nacaratti e Camilla Amado – mãe de Rafaela –, que interpretam diversas personagens femininas, entre elas uma cartomante que dá consultas enquanto cuida da família.

>> Engenheiro do teatro

“Sou muito fominha”, conta João Fonseca, um dos diretores mais requisitados da cena teatral no momento. Na atual temporada carioca, ele responde pela direção de *A Falecida*, *Gota D’Água*, *Minha Mãe é Uma Peça* – comédia que está em cartaz há dois anos –, além de ter feito a supervisão de *De Mim Que Tanto Falam*. À frente dos ensaios de *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, que tem estréia marcada para abril, ainda aguarda o relançamento de *Um Certo Van Gogh*, no Rio, em julho. Manter tantas atividades simultâneas não o cansa, explica, porque passou boa parte da vida acumulando a carreira teatral com as funções de engenheiro químico em repartição pública federal.

“Agora, a vida está ótima. Encarei o teatro como hobby durante muito tempo, mas depois que me aposentei posso viver apenas para dirigir peças. O teatro, para mim, é uma fonte de inesgotável prazer e, por enquanto, tenho conseguido administrar temas diferentes com muita tranquilidade”, diz João.



NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: DIVULGAÇÃO



A falecida

O elenco extremamente coeso mostra, com muito humor e sarcasmo, o universo de Nelson Rodrigues. É uma montagem precisa, bem ritmada, com interpretações muito afinadas.

Sílvia Buarque, atriz

A mulher que escreveu a Bíblia

Um texto riquíssimo e a interpretação soberba de Inêz Vianna fazem um espetáculo emocionante e divertido, além de permitir uma reflexão interessante sobre beleza, conhecimento e celebridade.

Luís Felipe Lima, ator



Gota d'água

Entre as numerosas razões para não perder este espetáculo, estão a música de Chico Buarque, a adaptação de Chico e Paulo Pontes, a direção de João Fonseca e a interpretação de Izabela Bicalho.

Armando Babaioff, ator

O baile

Um espetáculo belíssimo e terno, que mostra a passagem da História através da música.

Nicette Bruno, atriz



AQUA TOFFANA

O romance de Patrícia Melo é a base do monólogo em que Dani Barros, indicada para o prêmio Shell 2008 de melhor atriz, interpreta um homem que quer matar sua vizinha. Texto e direção: Pedro Brício. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Ribeiro, 410, Jardim Botânico) Fone: 2540 9853. Sábados e domingos, 21h. R\$ 20.

ALARME FALSO

Comédia policial que investiga o assassinato de Dona Divina, moradora do sétimo andar de um prédio de classe média. Texto e direção: Marcelo Saback. Com Eri Johnson, Flávio Migliaccio, Juliana Knust e Alberto Bardawil. **Teatro dos Grandes Atores – Sala Azul** (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h30. R\$ 50 (qui., sex. e dom.) e R\$ 60 (sáb.).

ANTONIO DA TUA TÃO NECESSÁRIA POESIA

Acompanhada pelo irmão Ivan Abujamra ao piano, a atriz Clarisse Abujamra fala sobre o amor aos Antônio de sua vida: o pai, o filho, o ex-marido Antônio Fagundes e o bailarino Antônio Gades, mesclando textos seus a poemas de Arnaldo Antunes, João Cabral de Melo Neto, Bertold Brecht, Fernando Pessoa e Elisa Lucinda. Tex-

to e direção: Clarisse Abujamra. **Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro, 180, Botafogo) Fone: 2543-5411. De 21 a 30 de março. Sextas e sábados, 20h. Domingo, 19h. R\$ 40.

O BAILE

A vida no Brasil, em seus aspectos culturais e políticos, dos anos 50 a 80, é mostrada através da música. O roteiro original de Jean-Claude Penchenat foi adaptado por Valdez Cardoso Gomes. Direção: José Possi Neto. Com Cláudio Tovar, Tássia Camargo, Luciano Quirino, Sandra Pêra. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2221-0305. Quinta a sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 50 (sab. e dom.). Até 30 de março.

BOOM

Jorge Fernando faz um cientista esotérico, com poderes paranormais, que incorpora diferentes espíritos. Texto: Luís Carlos Góes. Direção: Marcus Alvisi. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3555, loja 116/117, Barra da Tijuca) Fone: 3325-1645. Sexta e sábado: 21h. Domingo, 20h30. R\$ 50 (sex. e sab.) e R\$ 40 (dom.).

O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY

Monólogo baseado na obra de Hilda Hilst. Isabel Cavalcanti interpreta a me-

nina de oito anos que escreve em seu diário e conta a angústia de seu pai, um escritor pressionado pelo editor a criar histórias pornográficas. Direção e adaptação: Pedro Brício. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Ribeiro, 410, Jardim Botânico) Fone: 2540-9853. Quintas e sextas, 21h. R\$ 20.

COMO PASSAR EM CONCURSO PÚBLICO

O grupo Cia de Comédia G7 satiriza a obsessão dos brasileiros pela estabilidade no emprego público em texto de criação coletiva. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta e sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 30.

DE MIM QUE TANTO FALAM

As atrizes Cristina Mayrink e Daniela Olivert personificam as várias facetas de uma mulher. Texto: Martha Medeiros. Direção: Paula Sandroni. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Ribeiro, 410, Gávea). Fone: - 2540-9853. Terças e quartas, 21h. R\$ 20.

DOIS PARA VIAGEM

Um feitiço prende no tempo dois atores que tentam apresentar uma comédia ao público. Texto: Miguel Thiré, Mateus Solano e Jô Bilac. Direção: Jô Bilac. Com Miguel Thiré e Mateus Solano. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana An-

gélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h. R\$ 25.

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

Adaptação do romance de Jorge Amado, em que a viúva Flor volta a se casar, mas continua recebendo visitas do falecido marido Vadinho. Direção: Pedro Vasconcellos. Com Carol Castro, Marcelo Faria, Duda Ribeiro. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui., sex., dom.) e R\$ 70 (sáb.).

O DRAGÃO

Uma reflexão sobre a guerra é o novo espetáculo de teatro-documentário da Companhia Amok Teatro. Texto e direção: Ana Teixeira. Com Stephane Brodt e Fabiana de Mello. **Espaço Sesc** (Rua Domingos Ferreira, 60, Copacabana). Fone: 2547-156. De quinta a domingo. Quinta e domingo, 20h. Sexta e sábado, 21h30. R\$ 16. Até 18 de maio.

ENSAIOS DE MULHERES

Os bastidores de uma decadente orquestra feminina. Texto: Jean Anouilh. Direção: Daniel Herz. Com Anderson Mello, Charles Fricks, Felipe Mônaco, Leandro Castilho, Luiz André Alvim, Paulo Hamilton e Marcio Fonseca.

Teatro Miguel Falabella (Avenida Dom Helder Câmara, 5.332, Norte Shopping, Cachambi). Fone: 2595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui., sex., dom.) e R\$ 35 (sáb.).

ENTROPIA

Uma reflexão sobre a possibilidade de se criar uma sociedade ideal, conciliando interesses individuais e coletivos. Texto: Rodrigo Nogueira. Direção: Marcelo Mello. Com Alexandre Braga, Liliane Rovaris, Luciana Gaffrée. **Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2007. Quarta a domingo, R\$10. Até 16 de março.

A FALECIDA

O universo do subúrbio carioca e os tipos criados por Nelson Rodrigues ganham destaque na história de Zulmira, uma tuberculosa que planeja seu funeral nos mínimos detalhes. Direção: João Fonseca. Com Rafaela Amado e Guilherme Piva. **Centro Cultural Justiça Federal** (Avenida Rio Branco, 241, Centro). Fone: 3212-2550. Quinta a domingo, 19h. R\$ 20.

GOTA D'ÁGUA

A tragédia clássica de Medéia transportada para a realidade de um conjunto habitacional carioca por Paulo Pontes e Chico Buarque. Direção: João Fonse-

ca. Com Izabella Bicalho, Thelmo Fernandes, Lucci Ferreira. Kelsy Eckard. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo. 19h. R\$ 25.

HOJE EU ME CHAMO DINORAH

Maria Carmem Barbosa adaptou a comédia de Janete Clair sobre uma empregada que toma o lugar da patroa que viajou. Direção: Cininha de Paula. Com Laura Cardoso, Fabiana Karla e Daniele Valente. **Teatro Maison de France** (Avenida Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544-2533. Sexta, 20h; sábado, 21h; e domingo, 19h. R\$ 50 (sex. e dom.) e R\$ 60 (sab.).

LUCIO 80 30

Um velho ator ensaia uma peça no quarto do hospital, onde espera o resultado de exames de saúde. Texto e direção: Lucio Mauro Filho. Com Lucio Mauro, Lucio Mauro Filho, Alexandre Barbalho e Luly Barbalho. **Teatro Leblon – Sala Tonia Carreiro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sábado e domingo)

O MÉTODO GRÖNHOLM

Fechados em uma sala, candidatos para um alto cargo numa multinacio-

nal se enfrentam para descobrir quem é o agente da empresa infiltrado entre eles. Texto: Jordi Calceran. Direção: Luiz Antonio Pilar. Com Lazáro Ramos e Ailton Graça (alternando), Suzy Rego, Ângelo Paes Leme e Edmilson Barros. Direção: Luiz Antonio Pilar. **Teatro do Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26). Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 50 (qui.), R\$ 60 (sex. e dom.), R\$ 70 (sáb.).

MAMÃE NÃO PODE SABER

Uma família que vive de aparências entra em pânico com a iminente visita da mãe, que mora em outra cidade e pensa que o genro é o prefeito do Rio de Janeiro. Texto e direção: João Falcão. Com Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thais Lopes e Wendell Bendelack. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 30 (qui. e sex.). R\$ 40 (sáb. e dom.).

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Texto e interpretação de Paulo Gustavo. Uma mulher aposentada e sozinha procura o que fazer, já que seus filhos logo não necessitarão mais de seus cuidados e atenção. Direção: João Fonseca. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping

da Gávea, Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30; domingo, 20h30. R\$ 50.

NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

Amarguras conjugais de uma mulher contemporânea narradas com humor e vivacidade. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 55 (sex. e dom.) e R\$ 60 (sáb.).

NOVE PARTES DO DESEJO

A guerra e todos os traumas provocados pela invasão do Iraque são mostrados neste monólogo em que Clarisse Abujamra interpreta nove mulheres iraquianas. Texto: Heather Raffo. Direção: Márcio Aurélio. **Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro, 180, Botafogo) Fone: 2543-5411. De 21 a 30 de março. Sextas e sábados, 22h. Domingo, 21h. R\$ 40.

OTELO

O sucesso de um estrangeiro em Veneza atrai a inveja e provoca uma tragédia motivada por vaidade e ciúme. Direção: Marcus Alvisi e Diogo Vilela. Com Luciano Quirino, Diogo Vilela, Reinaldo Gonzaga, Marcela Rica. **Sesc**



Ginástico (Avenida Graça Aranha, 1287, Centro). Fone: 2279-4027. Quinta a domingo, 19h. R\$ 25.

A PROPOSTA

Comédia baseada em *Pedido de Casamento*, de Anton Tchecov, a peça faz referências a técnicas teatrais contemporâneas. Texto: Daniel Gaggini e Marcelo Adnet. Direção: Daniel Gaggini. Com Ricardo Tozzi, Danny Oliveira, Daniel Gaggini, Marcos Baô e Rafael Primo. **Teatro do Leblon – Sala Tonia Carrero** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Terça e quarta, 21h. R\$ 40.

SALMO 91

Gabriel Villela dirige a adaptação de Dib Carneiro Neto para o livro *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella, que conta a vida no extinto presídio de São Paulo. Com Pascoal da Conceição, Rodolfo Vaz, Rodrigo Fregnan, Pedro Henrique Moutinho e Ando Camargo. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Terça, quarta e quinta, 21h. R\$ 40.

SASSARICANDO – E O RIO INVENTOU A MARCHINHA

A história do Rio de Janeiro é contada pelas marchinhas de carnaval de Lamartine Babo, Braguinha e João

Roberto Kelly, entre outros. Texto: Sérgio Cabral e Rosa Maria Araújo. Com Eduardo Dussek, Soraya Ravenle, Alfredo Del-Penho, Juliana Diniz, Pedro Paulo Malta e Ivana Domenico. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (qui., sex., dom.). R\$ 60 (sáb.).

SEMPRE TE VI NUNCA TE AMEI

Comédia de Marcelo Caridade. Um jovem ator não sabe que a vizinha, com quem vive às turras, é uma conceituada crítica de TV que o elogiou. Direção: Anja Bittencourt. Com Carlos Alexandre e Hellen Suque. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Sexta e sábado, 20h; domingo, 22h. R\$ 30 (sex.) e R\$ 35 (sab. e dom.).

TERAPIA DO RISO

Espectáculo mostra o primeiro dia de terapia de um grupo de personagens surtados. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 50 (sáb. e dom.).

Le Vin

Finalmente, o Rio de Janeiro ganhou um bistrô digno do título. Ambiente simples, porém cuidado nos mínimos detalhes. Fotos em preto e branco nas paredes, toalhas de xadrez azul e branco, varanda acolhedora em plena Ipanema.

Não dispense o couvert: pão quentinho, feito na casa, com manteiga e patê de qualidade. De entrada, as saladas são muito apetitosas para este nosso verão carioca – a de folhas verdes com queijo de cabra derretido é excelente.

Os pratos principais são aqueles tradicionais de bistrô: *coq au vin*, *rognon de veau* (rim de vitela), *cassoulet*... O *confit de canard* (pato) estava no ponto certo, assim como o filé com molho de mostarda Dijon.

As sobremesas são um capítulo à parte: *tarte tatin*, crepes de laranja. Caso a balança deixe, vá sem susto – são maravilhosas.

A carta de vinhos é ótima, com um custo/benefício bastante bom.

**Rua Barão da Torre, 490,
Ipanema. Fone: 3502-1002**

Quadrucci

Na célebre rua do Leblon, Dias Ferreira, um espaço bonito e aberto combinando com a cara do Rio de Janeiro nesses dias quentes. Fora, um deck de madeira. Dentro, uma sala gostosa com um poderoso arrefrigerado.

A nova chef demonstrou que veio para ficar. A comida é leve, gostosa e muito bem apresentada, com uma mistura de sabores perfeita.

As entradas são todas atraentes. No antepasto misto para dois, presunto de parma, queijo grana-padano com mel, abobrinhas grelhadas, beringelas também grelhadas e uma pasta de tomates de comer rezando... Tudo regado com um excelente azeite.

Sugestão para os pratos principais: cherne com molho de capim-limão e purê de palmito, e namorado com creme de alho-poró. Ambos os peixes fresquinhos e no tempo certo do cozimento.

A carta de vinhos é variada.
**Rua Dias Ferreira, 233, Leblon.
Fone: 2512-4551**





A PROPOSTA

Uma peça dentro da peça. E o dilema de como encenar a primeira. O resultado? Um Tchecov à brasileira

Encontrar uma maneira diferente de encenar *O Pedido de Casamento*, comédia de Anton Tchecov, é o desafio que uma companhia de teatro precisa enfrentar em *A Proposta*, que estréia este mês na Sala Tonia Carrero do Teatro Leblon. À procura da linguagem mais adequada, o grupo experimenta diversas abordagens, modificando o estilo de

interpretação enquanto a ação descrita pelo dramaturgo russo transcorre. No entanto, o público só vai perceber que a montagem traz “uma peça dentro de outra”, após vinte minutos de espetáculo. “É um exercício lúdico e interativo, um devaneio teatral que exercita linguagens interpretativas para refletir as tendências estéticas do cenário contemporâneo,

discutindo a arte de fazer teatro sem esquecer de apresentar uma comédia hilariante, rica em surpresas”, explica o diretor e autor do roteiro, Daniel Gaggini.

A surpresa

Em 1991, o grupo paulista Os Satyros apresentou *A Proposta*. Daniel Gaggini, na época estudante de teatro, chegou a atuar em uma das montagens do espetáculo, no papel de um pequeno proprietário rural que pretende se casar com a filha de seu vizinho. “Mas só agora surgiu a oportunidade de trazer este texto para o público carioca. A concepção é semelhante à que foi desenvolvida pelos Satyros, mas há muitas novidades”, diz Gaggini, que assina com Mario Adnet a nova adaptação da peça de Tchecov. A primeira surpresa ocorre aos 15 minutos de espetáculo, quando o público vai perceber que a peça sofre um corte brusco e os atores começam a discutir a melhor maneira de contar aquela história.

“A montagem tem o propósito não apenas de brincar com a metalinguagem teatral, com o discurso vazio da vanguarda e com o egocentrismo fútil de alguns diretores, mas também de enaltecer o trabalho daqueles que mantêm essa arte viva nos dias de hoje”, explica Gaggini, que estruturou a peça para ter oportunidade de homenagear diretores como Sergio Brito, João Falcão, Antunes Filho, Gerald Thomas e Charles Möeller. O espetáculo sofre mudanças bruscas de linguagem e até de figurino, que começa fiel ao que se usava no fim do século 19, mas assume outras características de acordo com a referência teatral a que a história vai mos-

FOTO: DIVULGAÇÃO

A fonte

Os personagens de *A Proposta* são recorrentes nas criações do russo Anton Tchecov, um dos mestres da dramaturgia realista, autor de diversos contos e peças em que trata do cotidiano da aristocracia rural e da vida dos proprietários de terra menos abastados. Em *O pedido de casamento*, o hipocondríaco e tímido Ivan Vassilyevitch, aos 35 anos, quer ficar noivo de sua vizinha, Natalya Stepanovna, uma mulher mimada, filha do rabugento e rico Tchubukov Stepanovitch. O casal se mostra incompatível, mas tenta suplantiar os desentendimentos até definir se terão ou não um destino comum.

trando, informa Gaggini, que também está no palco como protagonista da peça.

Da Rússia ao Nordeste

Enquanto tentam acertar a melhor forma de contar a história, a fictícia companhia de teatro resolve encenar a peça em tom farsesco, de maneira realista, minimalista e até como musical. A ambientação também vai da Rússia do século 19 para o nordeste brasileiro, referindo-se aos 80 anos de Ariano Suassuna. “Isso tudo sem perder de vista o texto de Tchecov, que se sobrepõe à sátira que fazemos, enquanto demonstra toda a sua atualidade com a crítica social irônica que é uma das características de seu teatro, que privilegia o homem comum”, conta Daniel Gaggini, que acrescentou um só personagem à peça, um mordomo que acompanha a ação em total e absoluto silêncio.



SALMO 91

Relatos de prisioneiros relembram o massacre do Carandiru

Por Olga de Mello

Ao levar para o palco as histórias contadas por Drauzio Varella no livro *Estação Carandiru*, o diretor Gabriel Villela espera provocar o debate sobre o sistema carcerário brasileiro e as precárias condições de vida de boa parte da população, de onde sai a imensa maioria dos marginais que cumprem pena em presídios superlotados, sem a menor chance de recuperação social. “Escancarar novamente o massacre do Carandiru às platéias teatrais é contribuir para forçá-las a lidar com essas questões”, afirma Gabriel Villela, que recebeu o prêmio de Melhor Direção da Associação Paulista de Críticos de Arte pela direção de *Salmo 91*, que faz curta temporada no Teatro Poeira.

Para o diretor, o episódio do massacre mostrou que não se resolve crime hediondo praticando outro crime hediondo, e que delito maior do que os crimes daqueles

prisioneiros é a política de confinamento humano. Gabriel resalta que a peça não apenas questiona qual seria a função das instituições penitenciárias – vigiar, punir, castigar, formar, reformar, reeducar, anular ou eliminar –, mas também pede a reflexão sobre as causas que levaram os personagens a abraçarem a marginalidade. “Sem humanismo, não há ponto de partida possível para a resolução dessas questões relativas à punição pela clausura.”

Depoimentos

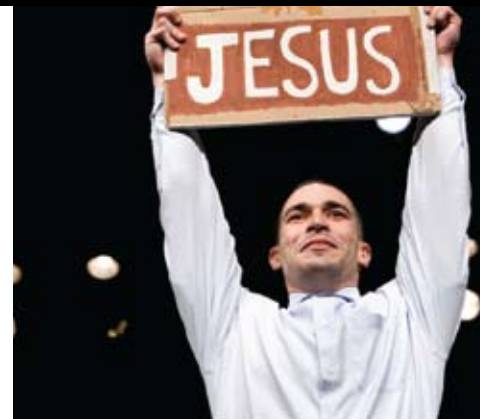
O texto de Dib Carneiro Neto, que sintetizou os relatos dos prisioneiros em dez monólogos, foi encaminhado a Gabriel Villela pelo produtor Cláudio Fontana. “Eu me interessei pela estrutura proposta, pela força que está nessa opção dos diversos monólogos”, diz Villela, que também assina

os figurinos e a cenografia – um fundo com cinco portas que remontam, ao mesmo tempo, a um presídio ou a um hospício. Entre os objetos de cena estão uma mesa de totó improvisada, um vaso sanitário e uma bola de futebol. Os atores Pascoal da Conceição, Rodrigo Fregnan, Pedro Henrique Moutinho, Ando Camargo e Rodolfo Vaz interpretam os dez personagens, popularizados pela série de televisão também baseada no livro de Drauzio Varella.

Elemento importante como tema, não apenas por unir os monólogos, o futebol é apresentado na peça “como o estopim, a paixão que desgovernou uma estrutura e pôs a pique 111 presidiários”, diz Villela, lembrando que o massacre no Carandiru aconteceu depois de uma briga entre facções criminosas rivais, durante uma partida de futebol no presídio, no dia 2 de outubro de 1992. A citação ao Salmo 91 (“Mil cairão a tua direita, e dez mil a tua esquerda, mas a ti nada acontecerá, nada te atingirá”) é feita quando o personagem Dada, que sobrevive ao massacre, lê a Bíblia – outro elemento dramático forte.

Renascimento

A peça brasileira não é a primeira encenação baseada em *Estação Carandiru*. Em 2002, a BBC de Londres transmitiu uma adaptação radiofônica do livro, informa Dib Carneiro. “O texto original é tão rico, tão pleno de possibilidades artísticas, que tinha de chegar aos palcos. É como se seus personagens clamassem por ganhar vida e por renascer daquele massacre por meio das mais variadas manifestações artísticas”.



Carandiru

Durante quase 80 anos, a Casa de Detenção de São Paulo, conhecida como Carandiru, foi o maior presídio do Brasil. Construído na década de 20 e desativado em 2002, o conjunto arquitetônico tinha sete pavilhões, cada um com cinco andares, nos quais chegaram a viver mais de 7.200 prisioneiros. Em 1989, o médico Drauzio Varella iniciou um trabalho voluntário de prevenção à Aids para os presos do Carandiru. Das conversas com os prisioneiros nasceu o livro.

CENA ABERTA



Henriette Morineau em O Casaco Encantado, 1948



CUIDE BEM DO PLANETA

RECICLE

NÃO POLUA

NÃO DESPERDICE

A PLAU SO REVISTA